

A SEMANA – 188*

5 de janeiro de 1896

Quisera dizer alguma coisa a este ano de 1896, mas não acho nada tão novo como ele. Pode responder-nos a todos que não faremos mais que repetir os amores contados aos que passaram, iguais esperanças e as mesmas cortesias. “Não me iludis, – dirá 1896, – sei que me não amais desinteressadamente; egoístas eternos, quereis que eu vos dê saúde e dinheiro, festas, amores, votos e o mais que não cabe neste pequeno discurso. Direis mal de 1895, vós que o adulastes do mesmo modo quando ele apareceu; direis o mesmo mal de mim, quando vier o meu sucessor.”

Para não ouvir tais injúrias, limito-me a dizer deste ano que ninguém sabe como ele acabará, não porque traga em si algum sinal meigo ou terrível, mas porque é assim com todos eles. Daí a inveja que tenho às palavras dos homens públicos. Agora mesmo o presidente da República Francesa declarou, na recepção do Ano-Bom, que a política da França é pacífica; declaração que, segundo a agência Havas,¹ causou a mais agradável impressão e segurança a toda a Europa.² Oh! por que não nasci eu assaz político para entender que palavras dessas podem sustentar os acontecimentos, ou que um país, ainda que premedite uma guerra, venha denunciá-la no primeiro dia do ano, avisando os adversários e assustando o comércio e os neutros! Pela minha falta de entendimento, neste particular, declarações tais não me comovem, menos ainda se saem da boca de um presidente como o da República Francesa, que é um simples rei constitucional, sem direito de opinião.

Napoleão III tinha efetivamente a Europa pendente dos lábios no dia 1 de janeiro; mas esse, pela Constituição imperial, era o único responsável do governo, e, se prometia

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 5, p. 1, 5 jan. 1896), SEMMA (p. 289-292) e SEM1953 (v. 3, p. 77-82). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ agência Havas,] Agência Havas, – em SEM1953.

² Notícia publicada no *Jornal do Commercio*, em 2 jan. 1896 (ano 74, n. 2, p. 1, col. 3), contém a mencionada declaração do presidente da França – Félix Faure (1841-1899) –, em evento comemorativo do ano-novo de 1896: “Na recepção havida por ocasião do Ano-Bom, no palácio presidencial, o Sr. Félix Faure afirmou aos embaixadores e diplomatas das diversas nações, ser pacífica a política da França. / Estas palavras, transmitidas imediatamente pelo telegrama aos diferentes países da Europa produziram a mais favorável impressão.”

paz, todos cantavam a paz, sem deixar de espiar para os lados da França, creio eu. Um dia, declarou ele que os tratados de 1815 tinham deixado de existir, e tal foi o tumulto por aquele mundo todo, que ainda cá nos chegou o eco. Um socialista, Proudhon, respondeu-lhe perguntando, em folheto, se os tratados de 1815 podiam deixar de existir, sem tirar à Europa o direito público.³ Nesse dia, tive um vislumbre de política, porque entendi o rumor e as suas causas, sem negar, entretanto, que os anos trazem, com o seu horário, o seu roteiro.

Não sabemos dos acontecimentos que este nos trará, mas já sabemos que nos trouxe a lembrança de um, – o centenário do sino grande de S. Francisco de Paula. Na véspera do dia 1 deste mês, ao passar pelo largo, dei com algumas pessoas olhando para a torre da igreja. Não entendendo o que era, fui adiante; no dia seguinte, li que se ia festejar o centenário do sino grande. Não me disseram o sentido da celebração, se era arqueológico, se metalúrgico, se religioso, se simplesmente atrativo da gente amiga de festejar alguma coisa. Cheguei a supor que era uma loteria nova, tantas são as que surgem, todos os dias. Loterias há impossíveis de entender pelo título, e nem por isso são menos afreguesadas, pois nunca faltam Champollions⁴ aos hieróglifos da velha Fortuna.

Isto ou aquilo, o velho sino merece as simpatias públicas. Em primeiro lugar, é sino, e não devemos esquecer o delicioso capítulo que sobre este instrumento da igreja escreveu Chateaubriand.⁵ Em segundo lugar, deu bons espetáculos à gente que ia ver cá de baixo o sineiro agarrado a ele. Um dia, é certo, o sineiro voou da torre e veio morrer em pedaços nas pedras do largo; morreu no seu posto.

Aquela igreja tem uma história interessante. Vês ali na sacristia, entre os retratos de corretores, um velho Siqueira, calção e meia, sapatos de fivela, cabeleira postiça, e chapéu de três bicos na mão? Foi um dos maiores serviçais daquela casa. Síndico durante trinta e um anos, morreu em 1811, merecendo que vá ao fim do primeiro século e entre pelo segundo. O que mais me interessa nele, é a pia fraude que empregava para recolher dinheiro e continuar as obras da igreja. Aos que desanimavam, respondia que contassem com algum milagre do patriarca. De noite, ia ele próprio ao adro da igreja, chegava-se à caixa das esmolas e metia-lhe todo o dinheiro que levava, de maneira que,

³ Napoleão III (1808-1873, imperador francês entre 1852 e 1870), também em um ano-novo (1863), afirmou que os tratados que haviam regido a Europa a partir de 1815 tinham deixado de existir. Em folheto impresso, Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) disse-lhe: “Si les traités de 1815 n’existent plus, il n’y a plus de droit public européen”. (PROUDHON, 1864, p. 6) “Se os tratados de 1815 não mais existem, não há mais direito público europeu”. [Tradução livre, nossa.]

⁴ Jean-François Champollion (1790-1832): filólogo, considerado o pai da egiptologia. Tornou-se famoso por seus trabalhos sobre a cultura e a língua do Egito Antigo e, em especial, por ter sido o principal responsável pela decifração dos hieróglifos egípcios.

⁵ Em *O gênio do Cristianismo*, de Chateaubriand (1768-1848), há um capítulo dedicado aos “sinos”. (CHATEAUBRIAND, 1802, t. IV, p. 1-6.)

aos sábados, aberta a caixa, davam com ela pejada do necessário para saldar as dívidas. As rondas seriam poucas, a iluminação escassa, fazia-se o milagre e com ele a igreja.⁶ Não digo que os Siqueiras morressem; mas, tendo crescido a polícia e⁷ paralelamente a virtude, o dinheiro é dado diretamente às corporações, e dali a notícia às folhas públicas.

Não faltará quem pergunte como é que tal milagre, feito às escondidas, veio a saber-se tão miudamente que anda em livros. Não sei responder; provavelmente houve espões, se é que o amor da contabilidade exata não levou o velho Siqueira a inscrever em cadernos os donativos que fazia. Há outro costume dele que justifica esta minha suposição. Siqueira possuía navios; simulava (sempre a simulação!) ter neles um marinheiro chamado Francisco de Paula, e pagava à igreja o ordenado correspondente. O donativo era assim ostensivo por amor da contabilidade.

A contabilidade podia trazer-me a coisas mais modernas, se me sobrasse tempo; mas o tempo é quase nenhum. Resta-me o preciso para dizer que também fez o seu aniversário, esta semana, a inauguração do Panorama do Rio de Janeiro, na praça Quinze de Novembro. Foi em 1891; há apenas cinco anos, mas os centenários não são blocos inteiros, fazem-se de pedaços.⁸ As pirâmides tiveram o mesmo processo. A arte

⁶ João de Siqueira Costa (?-1811), novo-rico, dedicou-se à obra da igreja São Francisco de Paula. Seus restos mortais repousam sob o altar-mor e seu retrato na galeria de benfeitores. O historiador João Fernando de Almeida Prado, em obra dedicada a Thomas Ender (1793-1875) – pintor austríaco que esteve no Brasil – dá-nos informações sobre o novo-rico americano e, em especial, sobre João de Siqueira Costa: “Na época em que Ender esteve no Rio de Janeiro, despontava o modelo do novo-rico luso que ainda por largo espaço dominaria a capital. Economizava, trabalhava, amealhava ceitel por ceitel, até chegar ao milhão, além de se valer de sutilezas nem sempre inocentes, ao enveredar principalmente pelo tráfico negreiro. Na hora da morte, à guisa de último negócio, ou seja conseguir lugar no céu, legava gordas quantias a agremiações religiosas. Durante a vida promovia-se a poder de dinheiro a Cavaleiro de Cristo, cortejado por grandes, invejado pelos semelhantes, temido pelos pequenos que dele dependiam. Por esse motivo, desejava depois de morto prolongar repercussões de seu nome, com missas e inscrições bem à vista do público em templos e associações beneficentes. Havia, entretanto, [...] os que procediam somente por anseio religioso – mais por efeito de crença profundamente arraigada, haurida no seio da família, no lugarejo natal – que propriamente por rebates de consciência. [...] / João de Siqueira Costa, [era] um dos muitos Siqueiras sem parentesco entre si, argentários de vulto do Rio. Este prestante ornato da Ordem Terceira de São Francisco, tido por honrado mercador, era conhecido negreiro, proprietário de vários navios empenhados no sinistro tráfico. Durante muitos anos foi Síndico da Irmandade, sempre generoso, a multiplicar louváveis pretextos para socorrê-la nas aperturas causadas pelo vulto das obras da grande igreja em construção. De uma feita, estatua que em cada barco seu houvesse um marujo fictício de nome Francisco de Paula, cujo soldo era religiosamente pago à confraria. Deixou-lhe ainda em testamento doze contos de réis, soma elevadíssima para a época e lugar, de sorte que, a irmandade reconhecida por tantas dádivas, mandou pôr o seu retrato na antecâmara da nova sacristia, daí por diante batizada sala do Siqueira, e todos os anos ia incorporada assistir a Memento dito junto à urna onde descansavam os ossos daquele ‘*homem humanitário e virtuoso*’, como lhe chama um bem-intencionado cronista da época.” (PRADO, 1955, p. 371-372.) Ver também: <<https://www.patrimoniohistoricoarqrio.org/product-page/igreja-de-são-francisco-de-paula>>.

⁷ Em GN, as palavras “crescido a polícia e” não estão legíveis (jornal danificado).

⁸ O *Panorama do Rio de Janeiro*, de Vítor Meireles (1832-1903), foi inaugurado no Rio de Janeiro em 3 de janeiro de 1891, na praça XV de Novembro, área central da cidade. (Ver ilustrações ao final desta crônica.) Vítor Meireles – professor, retratista, pintor de paisagens – introduziu no Brasil o panorama, que foi inventado no final do século XVIII. O panorama era pintura de grandes dimensões exposta em rotunda

não nasceu toda nem junta. O Panorama resistiu, notai bem, às balas da revolta.⁹ Certa casa próxima, onde eu ia por obrigação, foi mais de uma vez marcada por elas; na própria sala em que me achei, caíram duas. Conservo ainda, ao pé de algumas relíquias romanas, uma que lá caiu na segunda-feira 2 de outubro de 1893. O Panorama do Rio de Janeiro não recebeu nenhuma, ou resistiu-lhes por um prodígio só explicável,¹⁰ à vista dos fins artísticos da construção. Que as paixões políticas lutem entre si, mas respeitem as artes, ainda nas suas aparências.¹¹

Adeus. O sol arde, as cigarras cantam, um cão late, passa um bonde. Consolemo-nos com a ideia de que um dia, de todos estes fenômenos, – nem o sol existirá. É banal, mas o calor não dá ideias novas. Adeus.



– edificação circular construída especialmente para essa forma de arte. Meireles expôs o *Panorama do Rio de Janeiro* em Bruxelas (1888), na Exposição Universal de Paris (1889), e finalmente no Rio de Janeiro (1891). Na descrição do *Panorama do Rio de Janeiro* (Cf. CORREA, 2007, p. 126), a rotunda mediria, aproximadamente, 36 metros de diâmetro e a tela 115 de comprimento por 14,50 de altura, abarcando uma área de pintura com mais de 1600 metros quadrados. O espectador devia ficar em uma plataforma no centro da rotunda, com a vista desimpedida por todos os lados, tendo por ponto de vista o alto do morro de Santo Antônio. Houve quatro panoramas da cidade do Rio de Janeiro (Cf. SOUZA, 2014). A história dos panoramas no Brasil se inicia com a chegada dos viajantes europeus do início do século XIX. A Missão Artística Francesa de 1816, a Missão Austríaca de 1817 e a Missão Inglesa de 1825 trouxeram artistas (pintores) que representavam, e apresentavam, a paisagem local e a cidade. Os artistas que vieram ao Brasil nesse período – tanto os já renomados, como Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830) e Jean-Baptiste Debret (1768-1848), assim como os jovens Thomas Ender (1793-1875) e Charles Landseer (1799-1879) – conheciam este gênero de pintura. A ideia inicial de pintar e expor um panorama da cidade do Rio de Janeiro é de Nicolas-Antoine Taunay. Os dois primeiros panoramas da cidade apresentavam a paisagem de perspectiva semelhante, e não chegaram a ser expostos no Brasil: a cidade era representada do alto do antigo morro do Castelo. O primeiro deles foi elaborado por artistas franceses; e o segundo, por ingleses: o primeiro foi exposto em Paris, no Boulevard des Capucines, na terceira Rotunda de Pierre Prévost, em 1824; e o segundo, em Londres, em Leicester Square, na Rotunda de Robert Burford, em 1827-1828. O terceiro é o de Vítor Meireles, de que já falamos. O quarto panorama – *La ville et la baie de Rio de Janeiro* (1910) – é de autoria do pintor francês Louis-Jules Dumoulin (1860-1924), em colaboração com o pintor belga Paul Van Hoyer (1887-1962). Este panorama foi apresentado em 1910, na Exposição Internacional de Bruxelas, como uma das atrações do pavilhão brasileiro.

⁹ A Revolta da Armada começou em 1891 e terminou em 1894.

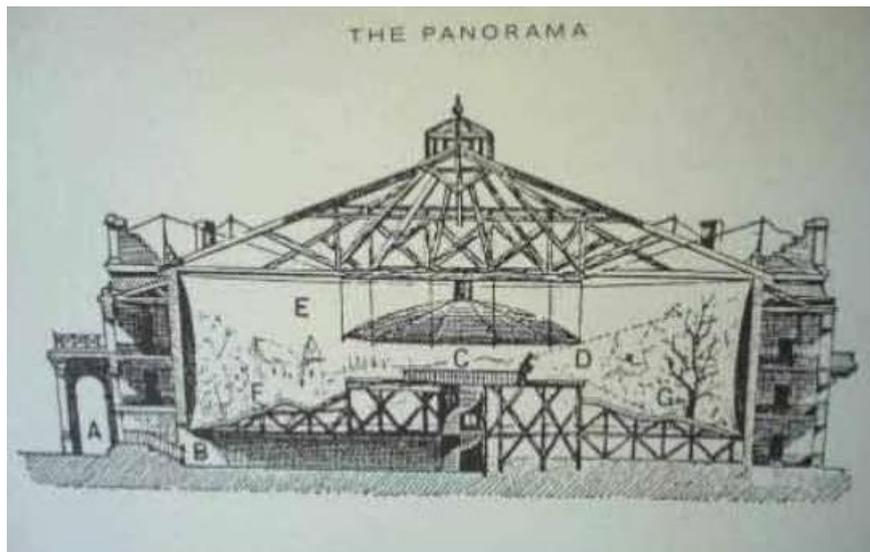
¹⁰ explicável,] explicável – em SEM1953.

¹¹ Os panoramas do Rio de Janeiro, de Vítor Meireles, acabaram sendo vítimas de paixões políticas: “Doados pelo pintor à República, os Panoramas foram perdidos e vistos pela última vez em 1910, abandonados no pátio do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Não havia interesse, naquele momento de transição e afirmação da República, em preservar as obras de um pintor identificado com a Monarquia.” (COELHO, 2007, p. VII)



Estudo para Panorama do Rio de Janeiro. Vítor Meireles. 1885.

Fonte: <<https://rb.gy/qhrb8y>>



ROTUNDA

FONTE: *Os Panoramas perdidos de Victor Meirelles: aventuras de um pintor acadêmico nos caminhos da modernidade*, de Mario Cesar Coelho, p. 15.

Disponível em: <<https://bit.ly/3LR6j7Q>>.

Legenda: A. ingressos; B. corredor escuro de acesso à plataforma; C. plataforma, de onde o espectador observa a pintura; D. limite visual, a cobertura sobre a plataforma impede o observador de ver a fonte de luz na cobertura; E. tela pintada (altura: 14 metros; comprimento: 115 metros); F. aproveitamento do espaço “vazio” entre a parede da rotunda e a plataforma (*false terrain*); e G. pintura em *trompe l’oeil*.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 5, p. 1, 5 jan. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13363>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

CHATEAUBRIAND, François-Auguste. *Du Christianisme, ou Beautés de la religion chrétienne*. Paris: Chez Migneret, 1802. t. IV. [Quatrième partie, livre premier, chapitre premier (Des cloches)] Disponível em:

<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10545846/f9.item>>.

COELHO, Mário César. *Os panoramas perdidos de Victor Meirelles: aventuras de um pintor acadêmico nos caminhos da modernidade*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2007. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89850>>.

PRADO, J. F. de. *Tomas Ender: pintor austríaco na Corte de D. João VI no Rio de Janeiro. Um episódio da formação da classe dirigente brasileira, 1817/1818*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Disponível em: <<http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/443>>.

PROUDHON, P. J. *Si les traités de 1815 ont cessé d'exister?: actes du futur congrès*. 3. ed. Paris: E. Dentu, 1864. Disponível em:

<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k214132t.texteImage>>.

SOUZA, T. L. *O panorama e a experiência imersiva: do espetáculo de entretenimento aos meios digitais*. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/21/teses/819874.pdf>>.

SOUZA, T. L. O Panorama do Rio de Janeiro de Victor Meirelles de Lima e Henri-Charles Langerock: da interpretação histórica à experiência imersiva virtual em 360°. *Gestão & Tecnologia de Projetos*. São Carlos, v. 17, n. 1, 2022. p.255-274.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em:

<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.